

***O QUE É O ESPIRITISMO. Segunda Visão. Antropológica***

Coleção Primeiros Passos

*Copyright* @ Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

***Capa e ilustrações:***  
**Miáeira**

*Revisão:*  
Conceição A. Gabriel



**São Paulo. 1985.**

**Editora Brasiliense S.A..**  
Rua General Jardim, 160 01223 -São Paulo -SP Fone (011) 231-1422.

## ÍNDICE

Introdução	3
I. O movimento espírita e um centro espírita	6
II. O mundo visível e o mundo invisível	10
III. O sistema ritual espírita	21
Conclusões	32
Indicações para leitura	35
Bibliografia Citada	36
Biografia	37

## INTRODUÇÃO

Assim como a visão de alguma coisa depende do lugar em que nos situamos ao olhá-la, a sua definição é função do ponto de vista sob o qual a encaramos. Um mesmo fenômeno pode ser vivido, pensado e compreendido de modo muito diverso em função de quem o viva, pense e compreenda. Para um espírita, o Espiritismo terá um sentido. Para um católico, um ateu, um umbandista, um psicólogo ou um antropólogo, outros.

Apresentarei neste livro uma visão antropológica do Espiritismo, que não exclui nem se opõe às demais. Apenas, a posição em que o antropólogo se situa lhe permite formular perguntas específicas aos fatos que examina. O Espiritismo será analisado como um fato sociológico. Não pergunto pela verdade ou falsidade do pensamento religioso ou do Espiritismo em particular. Não pergunto pelos móveis individuais da adesão. Interessa-me compreender e transmitir aqui a significação intrínseca e social dessa religião.

Os espíritas que porventura lerem esta última frase protestarão de imediato. O protesto tem sua razão de ser. Para os espíritas, o Espiritismo não é "somente" uma religião: é também uma ciência uma filosofia. Essa definição dos espíritas nos conduz a uma das características distintivas do Espiritismo, e nos reconduz à questão dos diferentes ângulos possíveis de visão de um fato, a princípio, "mesmo".

No restante da introdução considero, portanto, esse tríplice aspecto (religião, ciência e filosofia) de que o Espiritismo se reveste aos olhos de seus adeptos e explico o ângulo de leitura aqui assumido.

### RELIGIÃO, CIÊNCIA E FILOSOFIA

O Espiritismo penetrou no Brasil na segunda metade do século XIX, oriundo da França onde Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Leon Dénizard Rivail, acabava de elaborar, a partir de um diálogo com Espíritos superiores, a *codificação*, um conjunto de cinco obras que estabelecem as bases da doutrina espírita.

O primeiro livro da codificação é o *Livro dos Espíritos* (LE), publicado em 1857 em Paris, contendo o "núcleo e o arcabouço geral da doutrina". Segue-se a ele o *Livro dos médiuns* (LM), que "pesquisa o processo das relações mediúnicas, estabelecendo as leis e condições do intercâmbio espiritual"; o *Evangelho Segundo o Espiritismo* (ESE) explicita o conteúdo moral da doutrina; *O Céu e o Inferno* discute

"as penas e gozos terrenos e futuros"; *A Gênese, os Milagres e as Predições* trata "dos problemas genésicos e da evolução física da Terra".

A crença na existência de espíritos que se comunicam com os homens é, assim, a pedra sobre a qual se ergue todo o Espiritismo. Na codificação, essa crença é afirmada como fato objetivo. Determinados fenômenos, como o movimento de objetos inanimados, são interpretados como constituindo a prova empírica da existência dos espíritos, de todo um mundo invisível ao olhar humano que confere sentido e norte à existência terrena. Essa verdade teria sido revelada aos homens pelos espíritos por meio de um procedimento que Allan Kardec qualifica de científico, racional, experimental:

*"(...) Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método de experimentação: nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências, dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida nenhuma explicação senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão (...) Agi com os Espíritos como teria feito com os homens: eles foram para mim, desde o menor até o mais elevado, meios de colher informações e não reveladores predestinados"* (em *O que é o Espiritismo*, Allan Kardec).

A comunicação espiritual, afirmando-se ante a evidência dos sentidos, ganha o estatuto de prova científica. Por tudo isso, na codificação, o Espiritismo se apresenta como ciência. Bem de acordo com o momento histórico de seu surgimento - segunda metade do século XIX na Europa -, ele se alinha do lado da razão em oposição ao sobrenatural e ao mágico. Os espíritos existem; e tanto motivo de sua existência como as formas de sua comunicação com os homens podem ser conhecidos racionalmente e, em certa medida, controlados pela inteligência humana.

Ao mesmo tempo, a codificação se inscreve na linha de filiação cristã. Credo no Deus onipotente criador do mundo a partir do nada, a codificação espírita é a codificação transmitida à humanidade conforme o seu estado evolutivo. A primeira delas é o Velho Testamento da Bíblia, a segunda o Novo. Jesus Cristo é segundo o Espiritismo um Espírito superior que encarnou na Terra com a missão de auxiliar a evolução humana.

Na codificação espírita encontram-se presentes personagens da tradição filosófica ocidental, tais como Descartes, Platão, Aristóteles, bem como certas idéias caras a essa tradição, como por exemplo as de livre-arbítrio e determinismo. Assim, por suas implicações morais e filosóficas, o Espiritismo apresenta-se também como religião e filosofia.

O Espiritismo define-se então como religião, ciência e filosofia. Será, todavia, tratado aqui como religião ou, trocando em miúdos, como um sistema de representações e práticas no qual as noções de religião, ciência e filosofia, componentes da auto-definição espírita, ganham sentido. Explico por quê.

## **UM SISTEMA DE REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS**

A realidade em que existimos torna-se inteligível pelo pensamento que confere sentido e norte às nossas ações. A experiência do que chamamos de realidade não é anterior ao pensamento. O pensamento constitui essa experiência. A idéia que fazemos de alguma coisa, o seu significado, está inextricavelmente ligado à maneira como a vivemos. Percebemos o mundo através de representações - conceitos sobre a ordem e a natureza das coisas. Quando articuladas e estruturadas, essas representações constituem sistemas. As religiões são alguns desses sistemas.

Uma maneira de ver e de compreender é, ao mesmo tempo, uma maneira de viver, de agir. Todo sistema de representações, ou crenças, é também um sistema de práticas rituais. Mas o que entender por ritual?

Qualquer comportamento humano tem uma dimensão técnica, no sentido em que ao agir o homem "faz" determinadas coisas (o ato de serrar uma árvore, por exemplo). A maneira de fazê-las, contudo, (quem serra, como, quando, por quê, onde?) é parte da ação e nela reside seu conteúdo expressivo (Leach: 1972). O comportamento humano não apenas "faz" como "diz" determinadas coisas, ou seja, transmite informações sobre os valores e a estrutura da sociedade em que existe. A noção de ritual, tomada aqui em seu sentido mais amplo, enfatiza essa dimensão simbólica, expressiva do comportamento humano. Cabe assinalar, ainda uma vez, a diversidade de pontos de vista em jogo. Os espíritas entendem ritual como sinônimo de conformidade vazia, de atos cuja seqüência se repete mecanicamente sem que o agente conheça sua razão de ser. A noção de ritual aqui usada tem um sentido neutro, não dependendo do compromisso ou não-compromisso dos atores com os atos praticados.

Para a antropologia, as religiões são sistemas de representações e práticas rituais. Ao longo deste livro, apresentarei o sistema de representações e práticas espíritas - a maneira pela qual o Espiritismo concebe o mundo, a vida social humana e os principais aspectos dessa prática religiosa

## **CAPÍTULO I. O MOVIMENTO ESPÍRITA E UM CENTRO ESPÍRITA**

### **O MOVIMENTO ESPÍRITA**

O fato de o Espiritismo ser uma religião codificada torna aparentemente fácil o reconhecimento de sua unidade. A existência em seu seio de uma única federação de âmbito nacional - a Federação Espírita Brasileira - é expressão do esforço existente no sentido da unificação doutrinária. Nem por isso, contudo, deixam de existir tensões e divergências internas e, nem por isso, deixa de colocar-se a questão das fronteiras existentes entre o Espiritismo e outros sistemas religiosos.

Dentre os diversos sistemas de crença com que o Espiritismo se relaciona - Teosofia, Rosa-Cruz, Parapsicologia, entre outros - destacam-se as religiões chamadas mediúnicas e, em especial, a Umbanda. A razão do destaque e da permanente problematização por parte dos espíritas dessa relação é a importância decisiva da mediunidade e da experiência do transe em ambas as religiões. Em um plano, essa proximidade impõe-se aos espíritas de fora para dentro. É comum nos jornais cariocas a associação do termo "Espiritismo" a crimes. Confundem-se nesse caso, sob um rótulo estigmatizante que as associa à ignorância e à violência, religiões distintas como o Espiritismo, o Candomblé e a Umbanda.

Num plano diverso e interno ao Espiritismo, é comum a existência de espíritas de procedência umbandista ou que têm amigos e parentes próximos praticantes da Umbanda. É comum também a existência de centros "espíritas" que trabalham com Umbanda. Como me disseram alguns espíritas, "tem muito centro com vela acesa, imagens" ou "há centros que fazem camuflagem, às vezes filiam-se e depois descobre-se que estão fazendo certas coisas". Proximidade não é, contudo, sinônimo de igualdade.

Sem negar a existência de laços entre os dois sistemas religiosos, proponho aqui a visão do Espiritismo como um sistema religioso próprio, possuidor de uma prática ritual característica e de uma maneira particular de conceber e resolver a relação existente entre homens e Espíritos.

Como toda religião, o Espiritismo não é também homogêneo. Movimento Espírita é o termo utilizado pelos espíritas para designar o conjunto de atuações que o Espiritismo comporta. A própria noção de movimento enfatiza, segundo os adeptos, "a inexistência de uma instância superior com poderes para ditar normas".

O Movimento Espírita engloba desde os lares e centros até institutos culturais, laboratórios de pesquisa, associações profissionais, federações em âmbito nacional e regional, hospitais, asilos,

orfanatos, imprensa e editoras. Cada uma dessas atividades e instituições pode enfatizar mais ou menos um dos aspectos do Espiritismo. Assim, um instituto cultural e um laboratório de pesquisa expressam, sobretudo, os aspectos "filosóficos e científicos" da doutrina; um orfanato ou outra obra de caridade, o aspecto "religioso". Um centro combina geralmente em sua prática esses três aspectos. A acusação de ênfase excessiva, seja no caráter evangélico e religioso, seja no caráter científico, intelectual da doutrina por parte de alguma instituição, é uma das maneiras pelas quais as tensões internas se manifestam.

O material no qual se baseiam as informações aqui transmitidas provém do trabalho de pesquisa realizado ao longo de um ano e meio durante o qual freqüentei sistematicamente um centro espírita e esporadicamente outros centros e instituições. O Centro Espírita pesquisado – Lar de Tereza (Ipanema/RJ) – é aqui considerado como expressivo de uma tendência no seio dessa religião.

### **UM CENTRO ESPÍRITA**

A prática do Espiritismo realiza-se de modo mais completo no centro ou casas espíritas, como são chamados. A denominação casa não é gratuita. Historicamente, os lares foram os seus focos de difusão e, ainda hoje, embora exista orientação da Federação no sentido de que se evitem determinadas reuniões nos lares (basicamente as de caráter mediúnico), eles permanecem ativos. Os organizadores de atividades nos lares estão sempre vinculados a um centro e uma das formas de nascimento de um novo centro é a ampliação das atividades de um lar. Esse laço com a casa, com o doméstico é um dos responsáveis pela vitalidade da presença feminina nessa religião. Centros e lares, centros entre si e centros e demais componentes do Movimento Espírita mantêm um intenso intercâmbio.

O ciclo ritual espírita tem como unidade básica a semana. Todas as sessões são oferecidas semanalmente em um ou dois turnos. Há modelos expressamente sugeridos pela Federação aos centros. Porém, mesmo existindo normas comuns, um centro não oferece necessariamente todas as sessões do repertório espírita, e a maneira pela qual essas sessões se organizam e se combinam pode variar bastante.

Os serviços e atividades de um centro são classificados por seus organizadores em dois grupos básicos:

A) Atividades de estudo e prática espírita, conjunto que comporta reuniões públicas de estudo e iniciação à doutrina, e reuniões privativas destinadas ao desenvolvimento e exercício da mediunidade.

B) Atividades assistenciais, que comportam as diversas obras de caridade tais como a organização de bazares, oficinas de costura, assistência a famílias carentes, entre outras.

Excetuando o público das atividades assistenciais, os freqüentadores de um centro são oriundos basicamente das camadas médias da sociedade.

O aspecto de um centro é de sobriedade. Suas paredes são geralmente pintadas de azul-claro, cor que, segundo os espíritas, "pacifica o ambiente". O mobiliário é simples, composto de cadeiras, mesas, quadro - negro e por vezes um piano. As diversas sessões espíritas exigem pouca parafernália - relógios, copos d'água, papel e lápis. Quando o espaço disponível é pequeno, um mesmo compartimento é permanentemente redefinido em função da sessão que abriga. Os centros maiores dispõem geralmente de aposentos exclusivos para cada tipo de sessão.

Todo centro possui um dirigente e amigos espirituais, entidades que protegem e orientam suas atividades. Em todas as paredes, há dois ou mais pontos de luz com pequenas lâmpadas azuis. Nos momentos em que a comunicação com o mundo espiritual se torna ostensiva, as luzes se apagam e acendem-se as lâmpadas azuis, ficando o ambiente imerso na penumbra. Segundo os espíritas, com a luz normal, os fluidos, veículos da comunicação espiritual, se dispersam ou se queimam. A pontualidade é extremamente valorizada. Há grandes relógios nos aposentos principais e dificilmente as reuniões ultrapassam o prazo de duração estipulado.

Formalmente, um centro compõe-se em geral de uma diretoria, conselho fiscal e consultivo, tesouraria, secretaria e um corpo de sócios. Mantém-se através de contribuições voluntárias ou mensalidades, e de fundos provenientes de campanhas, lanches, bazares. Organiza-se em departamentos cujo número e conteúdo podem variar de centro para centro. Cada departamento é um núcleo de tarefas, seus/suas diretores/as têm uma reunião mensal com o/a presidente do centro, e reuniões com os/as dirigentes dos subgrupos do setor. Os/as dirigentes dos subgrupos por sua vez têm reuniões com os colaboradores de tarefas específicas. Em todos esses níveis, num grau de crescente responsabilidade e autoridade, quem ocupa um cargo de direção supervisiona todas as tarefas coordenadas por seu núcleo.

Essas descrições formais não dão conta, entretanto, do funcionamento efetivo de um centro. Como me disse uma espírita: "Não somos uma empresa, uma firma. As coisas não podem ser vistas dessa maneira". Uma boa maneira de nos darmos conta da organização de um centro é nos indagarmos sobre a distribuição da autoridade em seu interior.



Segundo os espíritas, não há no Espiritismo "posições sacerdotais" ou "hierarquia no sentido ritualístico". Se não há cargos e posições definidos a priori, que critérios servem de base à construção da liderança num centro?

No plano das representações espíritas, a noção que dá conta da distribuição da autoridade é a de "hierarquia de potencial" percebida pelos espíritas como um processo que corresponde à adequação entre as necessidades do centro e o julgamento dos dirigentes, de um lado, e a escolha, vontade e capacidade do participante, de outro. Nesse movimento funda-se uma hierarquia, sim, mas que os espíritas acreditam nascida do mérito, da moral individual, nas próprias circunstâncias do trabalho.

O discurso explícito dos espíritas afirma que a princípio qualquer pessoa tem acesso a todas as posições dentro de um centro. Depende basicamente de seu mérito galgá-las ou não. Observa-se, entretanto, que as posições de maior prestígio são ocupadas pelos médiuns mais desenvolvidos. Se indagarmos também acerca da distinção acima mencionada entre reuniões públicas "de portas abertas" e reuniões privadas, nas quais só se entra com a devida qualificação ou autorização do/a presidente, constatamos que as reuniões privadas se caracterizam todas por um determinado tipo de exercício da mediunidade.

A compreensão da organização e do funcionamento de um centro conduz ao exame do conteúdo do sistema de crenças espíritas.

## CAPÍTULO II. MUNDO VISÍVEL E O MUNDO INVISÍVEL

Conforme a tradição judaico-cristã, Deus é no Espiritismo o princípio de tudo. O universo, criado por ele a partir do nada, constitui-se de dois elementos básicos: o espírito e a matéria. A essa dualidade corresponde de modo mais abrangente o Mundo Invisível "eterno e pré-existente a tudo" e o Mundo Visível "secundário que poderia deixar de existir ou nunca ter existido sem alterar a essência do mundo espírita".

A realidade religiosa espírita e toda a dinâmica do universo como o Espiritismo o concebe nascem da permanente relação desses dois mundos de naturezas complementares.

No Mundo Invisível, Deus criou e cria permanentemente Espíritos imortais, atribuindo-lhes a missão de atingir a perfeição, Essa meta é alcançada ao final de uma longa trajetória cósmica, quando os Espíritos, tendo passado por várias encarnações e chegando ao grau de Espíritos superiores, atingem o estado de Espíritos puros. A vida de um Espírito é, portanto, um encadeamento de passagens do Mundo Invisível para o Visível, de encarnações, desencarnações e reencarnações.

No Mundo Visível estão os Espíritos encarnados. A encarnação pode ocorrer em vários globos habitados, sendo a Terra é apenas um deles. Os fatos e acontecimentos da vida social humana são, assim, no Espiritismo, como a porção visível de um *iceberg* – partes de uma realidade maior e mais poderosa, oculta a nossos olhos. A chave de seu entendimento localiza-se, segundo os espíritas, nas relações existentes entre Mundo Invisível e Mundo Visível. As leis da evolução, da reencarnação, do carma e o fato da mediunidade são os principais pilares desse sistema de crenças e governam as relações desses dois Mundos.

### A EVOLUÇÃO

Se o Deus perfeito criou um mundo imperfeito, onde há o bem e o mal, é porque essa criação obedece, segundo o Espiritismo, a razões essencialmente justas e cognoscíveis.

Deus criou os Espíritos como individualidades morais, "seres definidos, limitados, circunscritos" (LM:65), dotados de inteligência, vontade e livre-arbítrio. Criados simples e ignorantes, sua trajetória deve alçá-los à perfeição.

Os Espíritos são criados num "ponto zero" no qual há uma igualdade na imperfeição. Devendo chegar um dia, não importa quando, ao ponto final, "infinito + relativo" ("porque infinito, absoluto, só Deus"), que representa a possibilidade de uma igualdade na perfeição. Essa igualdade primeira na

Imperfeição é, sobretudo, uma base a partir da qual se desenvolve uma desigualdade: embora todos os Espíritos tenham uma mesma natureza e um mesmo alvo a alcançar, cada percurso será único. Nele, e a partir dele, os Espíritos se diferenciarão:

*"Onde estaria o mérito sem a luta? Se todos os Espíritos tivessem sido criados perfeitos, não teriam o merecimento para gozar os benefícios dessa perfeição" (...) "a desigualdade existente é necessária a sua personalidade, a missão que lhes cabe nos diferentes graus e está nos desígnios de Deus com vistas a harmonia do universo" (LE: 102).*

A origem da desigualdade entre os Espíritos é tema de reflexão por parte dos espíritas.

*"Como os Espíritos originariamente dotados de livre - arbítrio e iguais se diferenciam? a grande figura da queda do homem, do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram. De onde contudo vieram as influências? Dos Espíritos imperfeitos que procuram envolvê-lo e domá-lo (...). Foi o que se quis representar na figura de Satanás. Porém, se todos têm as mesmas possibilidades, por que uns cedem e outros não? Num primeiro momento o Espírito recém-criado observa, compara e tira conclusões. Num segundo momento começa a discernir o que é certo e errado, aprende a distinguir o Bem e o Mal. a moral que chega na esteira da razão. Com a capacidade de discernir, o Espírito pode, por meio do atributo da vontade, optar pelo Mal: 'Está bem, tá errado mas eu quero assim'. a razão pela qual as gradações começaram a surgir." (Trecho de palestra proferida no Instituto Brasileiro de Cultura Espírita.)*

O Espírito, dotado de livre-arbítrio, tem culpa no Mal e mérito no Bem. Ao longo das encarnações, em contato com a matéria, os Espíritos diferenciam-se, subdividindo-se em ordens de uma escala evolutiva cujo princípio de classificação é a oposição entre o espiritual identificado ao Bem, ao Puro, ao Superior, e o material, identificado ao Mal, ao Impuro, ao Inferior.

Na Escala Espírita, os Espíritos estão distribuídos em três ordens. A terceira ordem é a dos Espíritos imperfeitos. Suas características são a predominância da matéria sobre o espírito, a propensão para o Mal ("na verdade, eles não têm senso moral, nós é que temos e assim os classificamos"), idéias pouco elevadas, sentimentos mais ou menos abjetos. Essa ordem subdivide-se em:

a - os Impuros que, quando encarnados, inclinam-se a todos os vícios;

b - os Levianos, ignorantes e inseqüentes;

c - os Pseudo-Sábios, que julgam saber mais do que sabem;

d - os Neutros, apegados às coisas materiais e que tendem tanto para o Bem como para o Mal;

e - os Batedores e Perturbadores, que produzem efeitos físicos. Estes últimos são na verdade uma classe paralela que inclui Espíritos de toda terceira ordem.

A segunda ordem é a dos Espíritos bons. Caracterizados pelo predomínio do espírito sobre a matéria ("sem vaidade nenhuma todos nós podemos estar aqui", comentou uma senhora espírita a esse respeito). Esses Espíritos conservam quando desencarnados traços de sua existência corpórea na linguagem e nos hábitos. Essa ordem subdivide-se em:

a - Benévolos, dotados de bondade e saber limitados, e cujo progresso se dá mais no sentido moral que intelectual ("por exemplo, aqueles que em outros arraiais espiritualistas chamam de Preto Velho", disse-me a mesma senhora);

b - Os Sábios, que progredem mais no sentido intelectual que moral;

c - Os Prudentes, que podem julgar com precisão os homens e as coisas;

d - Os superiores, dotados de ciência, sabedoria e bondade, que encarnam na Terra somente por exceção no desempenho de uma missão de progresso.

A primeira ordem é a dos Espíritos puros, que já não têm influência alguma da matéria. Sua superioridade intelectual e moral é absoluta e eles não estão mais sujeitos à encarnação.

A Escala Espírita permite a releitura da trajetória evolutiva do espírito num sentido unívoco. No início, encontram-se não mais a simplicidade e ignorância, mas a materialidade e inferioridade. Apesar da possibilidade existente na doutrina de uma resistência à tentação, de uma não-queda de um Espírito em particular, a noção da Escala Espírita, e a maneira pela qual os espíritas referem-se aos Espíritos inferiores com que se comunicam mediunicamente, "todos já passamos por isso" ou "nós já fomos como eles", permite uma leitura no sentido da inevitabilidade da queda.

O livre-arbítrio, atributo essencial do Espírito, constitui a todos como individualidades morais e, ao fazê-lo, funda a diferenciação entre eles, explicando a hierarquia e a desigualdade do mundo. Simultaneamente, há a noção de evolução e de progresso, leis gerais de ordenação do cosmos, que governam a trajetória do Espírito. Dessa maneira, o mundo hierárquico e evolutivo, que o dispositivo do livre-arbítrio a um só tempo explica e gera, é anterior ao Espírito. Deus cria Espíritos permanentemente. A Escala Espírita pode ser vista como uma estrutura fixa pela qual os Espíritos passam, e na qual a posição de cada um é relativa à dos demais.

O livre-arbítrio e, com ele, a noção de individualidade subordinam-se à lei do Progresso e da Evolução. Dessa ótica, ambos são, em si mesmos, atributos incompletos do Espírito. Desenvolvem-se, adquirem-se lenta e gradualmente, conforme o grau evolutivo deste:

*"Nós não temos todo nosso livre-arbítrio, só o alcançaremos quando formos Espíritos superiores, pois ele está condicionado ao compromisso, ao amadurecimento para geri-lo. Não se deixa uma criança de dois anos sozinha em casa com a janela aberta." (Aula de Iniciação à Doutrina Espírita - Lar de Tereza.)*

## **A REENCARNAÇÃO E O CARMA**

A lei da reencarnação associada à noção de carma transforma a desigualdade existente no mundo numa longa caminhada para a realização de uma igualdade em bases justas:

*"Se tomarmos uma criança botentote, de peito, e a educarmos nos mais renomados liceus, faremos dela um Laplace ou um Newton (...)? Temos que admitir que as almas são desiguais, e se assim o são é porque Deus assim as criou. Essa parcialidade não estaria de acordo com a sua justiça e o seu amor. Admitamos o contrário, uma sucessão de existências anteriores e progressivas e tudo se explicará (...) Com a pluralidade de existências, a desigualdade que vemos nada tem de contrária à mais rigorosa equidade." (LE: 144 -145)*

A noção de carma, semelhante à do hinduísmo e do budismo que concebem um cosmos no qual nenhum fato moralmente significativo se perde, afirma no Espiritismo que, a cada encarnação, o Espírito colhe os frutos bons ou maus de seu próprio passado. A loucura, por exemplo, pode ser interpretada como um "tempo de suspensão", uma paralisia como uma "dívida a ser saldada", Os males que afligem o homem nessa vida podem ter como uma de suas causas o carma.

Mas nem tudo é carma, pois os Espíritos tendem necessariamente ao progresso, sendo a possibilidade de retrogressão veementemente negada (segundo os espíritas, o máximo que pode ocorrer é um espírito permanecer estacionário). A noção de carma associada à de *progresso* faz de cada encarnação não só *expição* como *provação*, isto é, oportunidade de renovação que depende única e exclusivamente do mérito individual. Afinal, o próprio determinismo presente no carma tem o seu conteúdo gerado pelo livre-arbítrio do Espírito. Cada Espírito produz "seu carma" como os espíritas o dizem: Se ele o sofre irremediavelmente, a possibilidade de reparação permanece presente:

*"A fatalidade existe no tocante à posição do homem na Terra e às funções que nela desempenha como consequência do gênero de existência que o Espírito escolheu, como prova, expiação, ou missão. Sofre ele de maneira fatal todas as vicissitudes desta existência e todas as existências boas ou más que lhe são inerentes. Mas a isso se reduz a fatalidade, porque depende de sua vontade ceder ou não a essas tendências. Os detalhes dos acontecimentos estão na dependência das*

*circunstâncias que ele mesmo provoque com seus atos, e sobre os quais podem influir os Espíritos através dos pensamentos que lhe sugerem. A fatalidade está, portanto, nos acontecimentos que se apresentam ao homem como consequência da escolha da existência feita pelo Espírito, mas pode não estar nos resultados desses acontecimentos, e jamais se encontra nos atos da vida moral". (LE :348)*

A encarnação surge em seu sentido pleno: como lugar onde simultaneamente se sofre e se constrói o carma, como espaço decisivo de exercício do livre-arbítrio relativo que define o homem, espírito encarnado. Como tal, ela é também o lugar do social e do outro. Exatamente porque cada vida é possibilidade de reabilitação, ela é passível de intervenção por parte dos homens: "Nem todos os problemas são irremovíveis, nem tudo é passado". Apóia-se nesse ponto a importância concedida à educação, e a relevância da ação do próprio Espiritismo que se percebe como uma "religião do homem no mundo", pois "se todos nos retirássemos como poderia haver progresso, evolução?"

## **A MEDIUNIDADE**

Mediunidade é, no Espiritismo, uma palavra com muitos sentidos. Apresento pelo momento a mediunidade em seus dois sentidos mais básicos e interrelacionados: como dom inerente ao homem e como comunicação entre espíritos encarnados e desencarnados.

Toda sociedade e cultura humanas compõem-se de seres humanos. Não é nada óbvio, entretanto, o fato de que as representações do que seja o homem em cada sociedade humana são extremamente variadas. Em antropologia, o conceito de pessoa (Mauss: 1950; Geertz: 1978) refere-se a essas diferentes maneiras pelas quais as diversas sociedades e culturas representam o ser humano, o indivíduo empírico. O primeiro passo para compreender o significado da mediunidade é nos indagarmos sobre o que é um ser humano para o Espiritismo. Qual é a representação da pessoa no Espiritismo?

## **A REPRESENTAÇÃO DA PESSOA NO ESPIRITISMO**

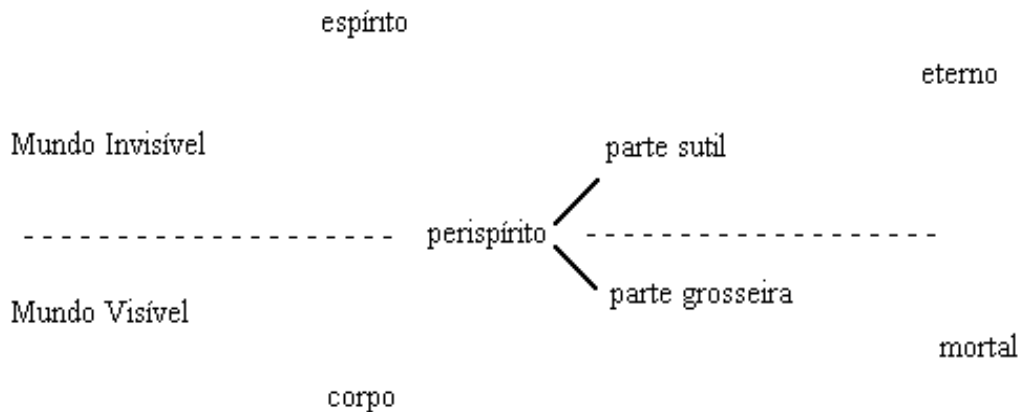
### **A MEDIUNIDADE COMO DOM ORGÂNICO**

Ao longo de sua trajetória evolutiva, um Espírito existe em três diferentes estados: como Espírito encarnado; como Espírito errante – estado desencarnado, intermediário entre duas encarnações –; como Espírito puro – estado desencarnado não mais sujeito à encarnação.

O homem é um Espírito encarnado composto de três elementos: espírito/alma; corpo; perispírito. O Espírito adquire, ao encarnar um corpo, invólucro perecível, instrumento material de ação da

inteligência que nele habita. Espírito e corpo estão unidos pelo perispírito que se compõe de duas partes: uma mais grosseira que a morte destrói, libertando o Espírito, e outra mais sutil que o Espírito conserva. Desse modo, encarnado ou não, o Espírito tem sempre seu perispírito, intermediário de todas as suas sensações, instrumento de transmissão de sua vontade.

A composição da pessoa no Espiritismo pode ser esquematizada do seguinte modo:



A vida encarnada, do aqui e agora, é apenas um momento da vida total de um Espírito transcendente. O homem é esse Espírito que nele encarnou, mas é ao mesmo tempo menos do que ele: sua identidade nesta existência é apenas um fragmento de sua identidade total. Os espíritas expressam esse fato através da distinção entre o *eu menor*, identidade da encarnação, e *eu maior*, identidade plena do Espírito que comporta o conjunto de suas vidas.

O nascimento e a morte ou, em termos espíritas, a encarnação e a desencarnação; enquanto passagens do Mundo Invisível ao Mundo Visível e vice-versa, abrigam uma complexa transformação na identidade do Espírito.

A gravidez é vista no Espiritismo como um processo de materialização de um Espírito que pré-existe, de aquisição por parte deste de um novo corpo.

No pólo oposto está a morte, que só é morte, final definitivo, do ponto de vista do corpo cujas forças se exaurem. Os espíritas nunca dizem fulano morreu, mas fulano desencarnou. Com a desencarnação a parte mais grosseira e material do perispírito se dissolve, desfazendo o laço que unia corpo e alma. A gestação e o nascimento, de um lado, e a morte, de outro, correspondem a movimentos inversos e caracterizam uma fase da vida do Espírito que os espíritas chamam de perturbação espírita.

A materialização do Espírito inicia-se no momento da fecundação (o aborto provocado, interrompendo esse processo, é veementemente condenado). Inicia-se simultaneamente a perturbação espírita, que perdura durante toda a gestação e nos primeiros anos da infância. Ao longo desse período o Espírito sofre o Apagamento da memória, esquecendo todas as suas vidas pretéritas como Espírito errante e encarnado. Essa memória transcendente ficará oculta no inconsciente, podendo vir à tona por vezes na forma de intuição, ou nos sonhos. Esse período é um tempo de aprendizado, de familiarização com seu novo instrumento material, o corpo. Na desencarnação, a intensidade e duração da perturbação espírita variarão dependendo do grau de evolução do Espírito. Com o Espiritismo, por exemplo, o Espírito, compreendendo antecipadamente a experiência com a qual se defrontará, sofre menos. O processo da perturbação inverte-se, sendo agora um período de adaptação ao estado de Espírito errante, de recuperação da memória espiritual.

Como a encarnação, o estado de espírito errante é passageiro. Contudo, nesse estado, o Espírito, liberto do corpo, é a princípio mais a sua essência. Seus movimentos são mais livres, seus atributos mais plenos. Sua memória é idêntica ao conjunto de suas vidas.

Um Espírito errante não é, contudo, necessariamente superior a um Espírito encarnado. Os Espíritos moralmente elevados vêm-se logo livres dos obstáculos que o corpo representa. Nos Espíritos inferiores, a proximidade da matéria determina a persistência das ilusões da vida terrena. Num caso ou noutro o Espírito deve escolher as provações por que passará em sua vida encarnada. Pois, a reencarnação é uma necessidade da vida espírita: "mais cedo ou mais tarde todos sentem necessidade de avançar". (LE:121)

A cada nova encarnação o Espírito esquece o seu passado. Porém, nessa nova vida, o perispírito funciona como "um molde do corpo". Ele é o registro de todas as vidas pretéritas: tudo a que o Espírito submeteu seu organismo físico, das mais variadas emoções e atitudes, até todos os tipos de vícios, nele se inscrevem. O determinismo do carma estará assim presente em cada nova vida do Espírito, estará inscrito no corpo e nas situações concretas em que o Espírito encarnado se verá envolvido: a família em que nasce, sua riqueza ou pobreza, as relações que travará. O esquecimento do passado, entretanto, preserva, segundo o Espiritismo, um espaço de indeterminação que garante a possibilidade de exercício do livre-arbítrio humano. A vida encarnada é, como vimos, provação e, por isso mesmo, essencial ao progresso do Espírito. Apesar da presença do carma, a maneira pela qual o Espírito a enfrentará dependerá de seu esforço, de sua vontade, de seu mérito, enfim.

Vejamos então o que se passa com esse Espírito uma vez encarnado, isto é, tornado homem.



Os Espíritos comunicam-se através do pensamento e da vontade, emitindo vibrações que se imprimem sobre o fluido universal, principal veículo de contato entre Mundo Visível e Mundo Invisível. Nos Espíritos desencarnados, a relação pensamento/vibrações/fluido universal é direta. Nos Espíritos encarnados essa relação passa pela mediação do corpo físico.

No corpo físico existe uma infinidade de plexos, regiões do organismo humano onde existem entroncamentos nervosos, ou de veias e artérias que partem desse ponto para atender a regiões várias.

Dessa infinidade destacam-se sete plexos, que correspondem no perispírito aos chamados centros de forças: coronário, frontal, laríngeo, cardíaco, esplênico, gástrico e genésico.

No homem, os centros de força são os pontos de ligação do espírito com o perispírito. O perispírito acopla-se no corpo na zona do tálamo, situada na base do cérebro. Circula no sangue e tem nos centros de força os pontos de ligação privilegiados com o corpo.

A menor ou maior materialidade do perispírito depende do grau de evolução do Espírito. Quanto menor a sua materialidade (isto é, a sua inserção nas células), maior a mediunidade do Espírito encarnado.

Derivada da própria estrutura do homem como o Espiritismo o concebe, a mediunidade é vista como "um dom orgânico", muito embora sua qualidade dependa da evolução espiritual. De "base orgânica", mas "de fundo absolutamente espiritual", a mediunidade, fruto do encontro no homem do material e do espiritual, é o canal através do qual o Mundo Visível e o Mundo Invisível se relacionam.

## **A COMUNICAÇÃO ESPIRITUAL**

Todo homem é um médium e está cercado no seu dia-a-dia por uma população invisível que, sem que ele o saiba ou queira, com ele se relaciona:

*"Os Espíritos agem constantemente sobre o mundo físico, e sobre o mundo moral. São uma das potências da natureza. Estão em toda parte, povoam os espaços até o infinito, há Espíritos permanentemente ao nosso redor e com eles estamos em contato". (LM :40)*

No mundo natural, como agentes da vontade divina, os Espíritos acalmam, agitam, dirigem os fenômenos da natureza. No mundo das relações humanas, os Espíritos desencarnados comunicam -se com seus iguais, os homens, pelo atributo comum que os caracteriza: o pensamento.

De todas as entidades que cercam um homem, destaca-se a figura do seu mentor ou guia espiritual.

O mentor é o responsável por nossa vida, por nosso trabalho geral. O responsável por sua vida, por nosso trabalho geral. É quem nos instrui, nos consola, aconselha e orienta.

É o "anjo da guarda" dos católicos. Trata-se geralmente de um Espírito superior que tem por missão velar pelo Espírito encarnado naquela existência. Além dessa entidade, os homens relacionam-se com os mais diversos Espíritos – amigos, inimigos, simpáticos, antipáticos, superiores, inferiores ou de grau evolutivo equivalente ao seu – , de acordo com a teoria da afinidade ou das faixas vibratórias.

Os Espíritos, como vimos, emitem, pela força de seu pensamento e de sua vontade, vibrações que agem sobre o fluido universal, imprimindo-lhe o conteúdo moral do pensamento transmitido. Um conjunto de vibrações do mesmo conteúdo moral constitui uma faixa vibratória. Segundo os espíritas, o espaço atmosférico que cerca a terra está hierarquizado nessas faixas vibratórias, dos planos mais inferiores e literalmente baixos, aos planos mais superiores e elevados. O Espírito encarnado, ao longo de seu dia, entra em sintonia com essas diferentes faixas vibratórias conforme seus pensamentos e ações. Daí a freqüente metáfora de ser fulana ou cicrano uma pessoa elevada, este ou aquele lugar um lugar elevado.

Esse ponto é fundamental para a compreensão da relação entre homens e Espíritos desencarnados. A influência destes últimos, exercendo-se através do pensamento, é inevitável e permanente. Porém, é o Espírito encarnado quem "dá a abertura", ou "abre uma brecha", só entrando em contato com Espíritos com os quais "entra em harmonia" ou "está em afinidade": "Nós funcionamos em faixas. Quando entramos em sintonia com faixas menos boas estamos sujeitos à influência dos Espíritos que circulam nela. Os inimigos estão sempre atentos, nos observando e aproveitam os momentos de descuido" (comentário de uma espírita explicando-me esse ponto da doutrina).

Ora, o livre-arbítrio, atributo essencial dos espíritos, é de início limitado pela vontade divina que criou o cosmos e as leis que o regem. Ele só será pleno quando os espíritos, não mais sujeitos à lei da reencarnação, completarem sua trajetória evolutiva. O livre-arbítrio humano, responsável pela qualidade da vibração do pensamento emitido pelo homem e que o contata com os Espíritos desencarnados, é incompleto por definição. A relação com os Espíritos desencarnados é sempre um teste a este atributo cuja incompletude constitui o cerne da condição humana como o Espiritismo a concebe. O contato com os Espíritos superiores garante o seu exercício. O contato com Espíritos inferiores traz, como veremos, a possibilidade de seu aniquilamento.

A influência cotidiana, difusa e imperceptível dos Espíritos em cuja faixa o homem está

vibrando, é a *influência sutil* que pode estar na origem de vários sentimentos negativos ou positivos que ele experimenta (alegria, melancolia, depressão, saudades, por exemplo).

A comunicação do Espírito desencarnado com o homem pode assumir, entretanto, formas menos sutis como ocorre na obsessão: "os Espíritos desencarnados podem agir sobre os nossos centros nervosos. Influem a tal ponto que às vezes os dirigem" (reunião de estudos).

A Terra é um planeta de provações. Todos os Espíritos que a habitam estão ainda no percurso de sua evolução. São todos, com raras exceções, em certa medida inferiores e como tais entram em sintonia com Espíritos inferiores desencarnados. No seu sentido mais amplo obsessão refere-se a esse fenômeno recorrente entre os homens.

Porém, obsessão tem também um sentido mais específico, usado com mais freqüência entre os espíritas:

*"Em conseqüência da inferioridade moral de seus habitantes, grande quantidade de Espíritos inferiores circunda a Terra. A ação negativa desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços no mundo. Obsessão é o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas e é praticada pelos Espíritos inferiores que se agarram àqueles a quem podem fazer suas presas".* (reunião de estudos em um centro espírita)

A obsessão tem seu início na influência sutil que os Espíritos desencarnados exercem sobre o homem e pode progredir até chegar à "perturbação completa do organismo e das faculdades mentais", quando: "O Espírito toma inteiramente o corpo do obsidiado e é ele inteira e unicamente o responsável pelos atos praticados" (idem).

Em seu último estágio a obsessão é uma possessão. Não há, contudo, segundo os espíritas, coabitação de dois Espíritos num mesmo corpo. O obsessor se cola em toda a extensão do corpo de sua vítima e domina os centros de força e de energia orgânica.

O obsessor, Espírito errante, encontra-se com o carma temporariamente suspenso e em presença da lei da reencarnação. Reencarnar significa encontrar o seu carma, sua culpa. Contudo, para que haja *evolução, progresso* é fundamental que o Espírito desencarnado esteja de acordo em submeter-se à *provação* da encarnação. Ora, esse consentimento supõe o seu arrependimento. Esse arrependimento é justamente o que falta ao obsessor que busca no homem o corpo perdido ao desencarnar e que não pode ainda possuir pela encarnação. Ao contrário do que ocorre na encarnação quando o Espírito adquire um corpo porque aspira à evolução, na obsessão o Espírito aspira a um corpo simplesmente porque o deseja.

O obsidiado, por sua vez, tem seu espírito aniquilado, fica reduzido a seu corpo possuído por outro dono. Na origem desse processo está, contudo, o seu livre-arbítrio e vontade responsáveis pelo início do contato com o Espírito inferior.

A obsessão, que tem como resultado o aniquilamento do livre-arbítrio humano, é uma vitória da matéria sobre o Espírito, um curto-circuito na ordem do mundo, uma anti-encarnação, um congelamento da evolução.

O Mundo Visível e Invisível estão no dia-a-dia em permanente relação por meio da mediunidade, da comunicação espiritual. O sistema ritual espírita, isto é, as diferentes sessões que se promovem em um centro espírita, inscrevendo-se nesse circuito de relações, procura controlá-lo.

### CAPÍTULO III. O SISTEMA RITUAL ESPÍRITA

Examinando a mediunidade como dom orgânico e como comunicação espiritual, vimos como, nessas duas acepções, todo homem é um mediano entre o Mundo Visível e Invisível. Num centro espírita, essa comunicação entre os dois mundos segue certas regras e padrões. Trata-se, então, da *comunicação espírita* propriamente dita, que coloca em cena o personagem do médium.

#### O MÉDIUM

O médium, no seio do Espiritismo, é aquele que transforma o dom que todo homem possui em *mediunidade ostensiva*, através do *desenvolvimento da mediunidade*. *Desenvolver e iniciar-se na doutrina* são as expressões comumente usadas pelos espíritas quando falam de seu ingresso nessa religião. Iniciar-se na doutrina refere-se ao contato com a literatura espírita, o estudo, a reflexão, a aceitação de seus princípios. *Desenvolver*, refere-se à mediunidade e ao transe. Os dois movimentos são geralmente complementares, muito embora um espírita não precise obrigatoriamente desenvolver sua mediunidade de maneira plena, dedicando-se nesse caso prioritariamente às tarefas do estudo e da caridade.

Segundo relatos espíritas, em determinado momento da vida de uma pessoa sua mediunidade pode começar a *manifestar-se*. Todo homem, Espírito encarnado, é *Eu menor*, ou seja, um pequeno fragmento de sua identidade plena, de seu *Eu Maior*. O Espírito que encarnou num corpo procura, dizem os espíritas, como todo prisioneiro, fugir e, algumas vezes, foge de fato. Na verdade, um Espírito quando encarnado jamais abandona totalmente o seu corpo, os laços que unem o perispírito ao corpo apenas se afrouxam. O abandono parcial do corpo pelo Espírito ocorre diariamente durante o sonho, quando este passeia em liberdade pelo Mundo Invisível, não tão rotineiramente nas visões e premonições podendo gerar doenças como a letargia, a disritmia, a catalepsia, o sonambulismo. A ocorrência freqüente dessas manifestações não rotineiras é sinal de vibrações espirituais intensas que devem ser canalizadas pelo desenvolvimento da mediunidade.

Idealmente, os Espíritos poderiam dispensar a figura do médium. A imperfeição humana, entretanto, faz dele uma necessidade. A *mediunidade ostensiva* é um "compromisso assumido com o Plano Espiritual", uma missão a ser cumprida ao longo da encarnação. Através de sua mediunidade, o médium não só expia faltas passadas. Para aqueles que procuram um centro espírita, bem como para os Espíritos inferiores que se manifestam em algumas sessões, "o médium significa maior materialidade", captando e transmitindo melhor suas vibrações e necessidades.

O contato direto com o Mundo Invisível é considerado sempre potencialmente perigoso. Por isso,

no dia da tarefa mediúnica, o médium deve ter cuidados especiais com a alimentação, evitando comidas pesadas, gordurosas, bebida alcoólica, cigarros e remédios. Deve comer horas antes do início da tarefa para que o processo da digestão não absorva energias destinadas a outros fins. Se essas recomendações não são atendidas, o organismo será sobrecarregado pelo trabalho mediúnico, produzindo dores de cabeça, náuseas e mal-estar no médium. Além desses cuidados imediatos, seu preparo se dá ao longo das sessões de desenvolvimento mediúnico e na sua participação das atividades de estudo e caridade, componentes também importantes da experiência religiosa espírita: *"Os Espíritos vêm nos dizer que a mediunidade não se desenvolve apenas na mesa mediúnica, recebendo mensagens de Espíritos. A mediunidade se desenvolve também no trabalho de caridade e no estudo. Pelo estudo nossa mente se esclarece, e no convívio com o sofrimento vamos despertando cada vez mais nossa sensibilidade."* (reunião de estudos em um centro espírita)

## **O ESTUDO**

O *Estudo* circunscreve um conjunto de práticas que consiste na leitura, comentários, exposição de textos espíritas, na produção de artigos, apostilas, livros, na realização de debates, palestras, mesas-redondas. Expressa claramente a importância concedida à palavra oral e escrita, presente na própria existência de uma doutrina e na constância e respeito com que os espíritas se referem a ela.

O Espiritismo possui intelectuais que gozam de renome no seu meio, viajam freqüentemente para conferências, proferem palestras em centros, escrevem artigos em jornais espíritas e publicam livros. São espíritas que desenvolvem uma reflexão pessoal sobre algum ponto da doutrina deixado em aberto na codificação ou exploram a relação existente entre sua religião e outras áreas do conhecimento, como a medicina, a psicologia, o direito, outras religiões etc.

Ao lado disso, no cotidiano do centro espírita, o estudo está plenamente integrado às demais atividades. Na fase inicial das sessões, na "preparação do ambiente", o estudo está presente através da leitura e do comentário de um pequeno texto extraído de clássicos espíritas (como, por exemplo, os livros do Espírito Emmanuel, *Fonte Viva, Caminho, Verdade e Vida*, psicografados pelo médium Chico Xavier).

Há sessões expressamente qualificadas como de "estudo": como as reuniões públicas, de tratamento, de juventude e de iniciação espírita. As duas primeiras são as portas de entrada do centro e destinadas aos freqüentadores de modo geral. Nelas, a ênfase do estudo recai sobre o caráter moral do Espiritismo, "o aprendizado do bem sofrer". Nas duas últimas, destinadas aos colaboradores jovens e iniciantes, o estudo tem como objetivo expresso o conhecimento da doutrina. Nessas sessões, após a

preparação do ambiente, um expositor lê e comenta um trecho previamente selecionado de alguma obra da codificação. A platéia escuta e pode ao final fazer perguntas. Em sua fala, que é uma transmissão aos homens da verdade dos Espíritos, ele é assistido pelo mentor e amigos espirituais do centro; os médiuns presentes estão todo tempo encarregados da "manutenção de um bom ambiente" emitindo pela prece vibrações positivas.

O estudo complementa de modo indispensável a relação com o espiritual como os espíritas a valorizam. Só através dele, que "leva as pessoas a compreender as razões de sua dor" e "disciplinar os sentimentos", é possível alcançar a renovação íntima que é o caminho da evolução espiritual, pois: "O Espiritismo não faz milagres, o milagre é fruto da atuação da pessoa" (frase ouvida com freqüência ao longo de minha pesquisa).

## **A CARIDADE**

Outro requisito fundamental da evolução é o "amor ao próximo". O destino de cada homem e o da espécie humana andam juntos: *"o amor sem esperar recompensa. Temos a certeza de que a destinação da Terra é para o progresso, para a evolução. Nascemos em determinada posição para ajudar o progresso do planeta. Se você parar sai da lei da Vida. A evolução nunca será individual, ela é junto com o outro"* (reunião de estudo).

Qualquer tarefa espírita, enquanto "serviço de amor ao próximo", é em um sentido ampla caridade. Os pobres, público-alvo das obras assistenciais, ocupam contudo um lugar privilegiado. As obras assistenciais comportam visitas a orfanatos, hospitais, asilos, atendimento a famílias carentes etc...

Nelas deve-se dar ao pobre não só a ajuda material como também moral: A prática da caridade vai desde a distribuição de alimentos até aulas de costura, crochê, e de doutrina espírita. É um trabalho estritamente pessoal. Não se trata de "alterar as estruturas; nosso trabalho é com as pessoas, é um trabalho de reforma do ser humano, junto ao sofredor, é ir no meio da lama, um trabalho que não tem quem faça".

Toda religião distingue o plano moral do social. A riqueza não é sinal de superioridade moral. Jesus era carpinteiro, Herodes, rei. Essa distinção entre o social e o moral, que permite a alguém ocupar simultaneamente o pólo inferior de uma escala e o pólo superior da outra (ser muito pobre e espiritualmente elevado), dá às religiões em geral um grande poder de compensação. No Espiritismo há espaço para essas inversões sendo determinados pobres vistos como Espíritos superiores. Há, porém, uma forte tendência de estabelecimento de uma relação de reforço e de duplicação da ordem social pela ordem moral. Pois, se todos os Espíritos que habitam a Terra, "planeta de provações", são,

com raras exceções, Espíritos em evolução, o pobre é o símbolo vivo disso. E mais do que ninguém identificado à matéria, à imperfeição.

Entretanto, se a caridade repousa sobre a diferença social e moral que separa os espíritas dos pobres, marcando assim a distância entre eles, ela também os aproxima. A caridade supõe não só o reconhecimento da inferioridade alheia como o da própria inferioridade e necessidade de evolução e redenção. Como me disse uma espírita: "é a pessoa doente que a gente coloca junto ao doente para se curar". Os espíritas vêem-se como os rotos e esfarrapados de que Cristo falou. Nesse cruzamento entre a idéia de uma desigualdade moral/social e o reconhecimento de uma igualdade essencial situa-se a caridade.

### **A COMUNICAÇÃO ESPÍRITA**

Tanto a caridade como o estudo são em um sentido amplo tarefas mediúnicas. Por meio delas os espíritas estão em contato com o Mundo Invisível e são mediadores entre ele e os homens. A comunicação explícita com os Espíritos, a comunicação espírita, está entretanto reservada a determinados momentos rituais. A prece, o passe e a manifestação mediúnica são três modalidades das formas ostensivas de comunicação entre homens e Espíritos.

### **A PRECE**

Todo espírito emite vibrações que se imprimem aos fluidos. A essa faculdade os espíritas chamam capacidade de irradiação. A prece é uma irradiação de vibrações positivas, de amor, tendo a finalidade de sintonizar o homem com os bons Espíritos.

Como fala que estabelece uma ligação com o Alto, a prece é um meio de socorro indispensável ao médium podendo ser dita a qualquer hora e lugar. Nela importa, sobretudo, a autenticidade dos sentimentos expressos. Assim, embora haja algumas preces padrões, como um Pai Nosso espírita, hinos que são preces cantados por todos, valoriza-se o improvisado: a prece espírita deve ser vivida mais do que simplesmente dita. Proferida geralmente com olhos cerrados e as palmas das mãos viradas para fora, garantindo a participação dos bons Espíritos em todas as tarefas, ela é uma constante nos rituais espíritas. Um deles, a "sessão de irradiação", tem na prece o seu foco.

Nessa sessão estão presentes apenas os médiuns espíritas que oram pelo público das obras assistenciais - os pobres, doentes, idosos e órfãos - e por si mesmos, ressaltando suas fraquezas diante das suas tarefas. Nela revela-se o sentido profundo da prece: lembrar permanentemente aos homens sua subordinação ao mundo espiritual, e lembrar aos médiuns especificamente que sua superioridade é



sempre relativa, que eles nada são sem o amparo e o auxílio dos Espíritos superiores.

## O PASSE

O passe é uma troca fluídica entre o Mundo Invisível e o Mundo Visível. Os espíritas distinguem três tipos de passe de acordo com a fonte de energia transmitida. O *passe espiritual* dado pelos Espíritos diretamente aos homens; o *passe magnético* no qual as energias transmitidas originam-se da própria pessoa que o dá; o *passe mediúnico* no qual o médium serve de veículo aos fluidos doados pelos Espíritos. Segundo os espíritas, o médium sempre doa um pouco de seus próprios fluidos junto.

O passe espírita é o passe mediúnico, relacionando quatro elementos: o Espírito doador, o médium transmissor, o paciente receptor e o(s) Espírito(s) inferior(es), receptor(es) indiretos que se comunicam com o homem. O concurso dos bons Espíritos é obtido pela prece. A capacidade de transmissão do médium depende de sua conduta e preparo ritual; a de absorção do paciente, de sua atitude espiritual.

Destinado aos males do corpo e da alma, o passe, bem como as outras técnicas de cura espírita, não substitui as práticas médicas oficiais. A cura espírita situa-se num outro plano, repousando sobre a concepção espírita da pessoa. Vimos no capítulo II como o corpo humano é pensado como sendo apenas parte de uma totalidade maior composta de espírito, perispírito e corpo. Determinadas doenças, mesmo trazendo sempre consigo conseqüências espirituais, podem ter causas "simplesmente orgânicas". Contudo, a causa de uma doença "física" pode ser espiritual, fruto da comunicação com maus espíritos ou produto do mau passado do Espírito encarnado. Neste último caso, o das doenças cármicas, a cura pressupõe a "quitação da vida" e pode exigir mais de uma encarnação. Por esse motivo o passe é sempre associado ao estudo do evangelho: "é a evangelhoterapia, que tem por objetivo tornar o enfermo resignado, fazê-lo compreender o porquê de suas dores, que mais importante é a recuperação espiritual" (reunião de estudos). Pois, segundo os espíritas, esta reverterá, a longo prazo, na recuperação física.

Os espíritas consideram o centro como o lugar mais indicado para o passe. Muito embora, em doenças mais graves, ele possa ser dado no lar. O passe obedece geralmente a certas regras. De acordo com a sessão na qual se insere, ele pode ser coletivo, quando um médium doa fluidos a mais de uma pessoa ao mesmo tempo, ou individual, quando cada médium atende a uma só pessoa. Há também o auto-passe que o próprio médium se dá nas sessões mediúnicas. Sua duração é de três a cinco minutos. O receptor permanece sentado, as pernas não devem estar cruzadas para facilitar a circulação de energias, os braços descansando ao longo do corpo com as palmas das mãos voltadas para cima, os

olhos cerrados. No passe coletivo, médiuns apenas levantam os braços com as mãos. No individual faz-se inicialmente o movimento de "dispersão de fluidos". O médium as mãos ao longo do corpo do doente, os fluidos negativos e jogando-os para trás. Inicia em seguida a "reposição de bons fluidos". As mãos podem ficar vibrando sobre a cabeça do paciente ou percorrer os demais centros força do corpo. Durante todo o passe, o médium. Deve orar e evitar o toque no corpo do paciente (muito embora o toque ocorra com frequência)

Na hora do passe, os Espíritos envolvem o médium tornando muito próxima a possibilidade transe. Cabe ao médium evitá-lo. Há evidentemente exceções. Eu mesma presenciei a doação passes por um médium incorporado por um espírito superior e há, segundo os espíritas, casos em que o espírito inferior que atormenta o paciente precisa manifestar-se. No passe, entretanto, não é o espírito e sim o paciente o foco é efetuado. E o passe dado pelo médium incorporado traz de imediato à mente a consulta umbandista.

A ênfase na transformação da consciência moral, a eleição do centro como lugar ideal para o passe e a evitação da manifestação mediúnica na hora do passe ligam-se à preocupação maior de marcar uma identidade espírita própria: *"A doutrina será o que os espíritas fizeram dela. As pessoas que vêm buscar o passe são desequilibradas, deseducadas na doutrina. Sabemos que aí fora há uma confusão tremenda do Espiritismo com a Umbanda, ritual, fenômeno (...)"*

## **A MANIFESTAÇÃO MEDIÚNICA**

O passe e a prece são elementos constantes nos diversos rituais espíritas. A manifestação mediúnica, entretanto, momento de maior intensidade no contato entre os Mundos Invisível e Visível, é a marca das sessões privativas, entre elas as de Desenvolvimento e a de Desobsessão, nas quais apenas os médiuns em desenvolvimento ou já desenvolvidos participam. Essas sessões realizam-se em aposentos fechados. Os médiuns sentam-se ao redor de uma mesa geralmente coberta por toalha branca, sobre a qual pode haver lápis e papel branco. Num canto da sala dispõe-se uma bandeja com copinhos de papel, com água que será fluidificada, isto é, na qual os Espíritos superiores depositarão ao longo da sessão bons fluidos, e será bebida ao final pelos médiuns. A sessão transcorre na penumbra com as pequenas lâmpadas azuis acesas, através dos médiuns, como dizem os espíritas, "abre-se uma porta e estabelece-se livre trânsito entre os dois mundos".

Para que uma manifestação mediúnica ocorra é preciso que o médium "dê passividade", expressão que indica simultaneamente uma certa anulação e a presença da vontade do médium na origem do processo. "Nos diversos departamentos cerebrais existem núcleos de controle do Espírito.

A epífise (glândula da mediunidade) é que favorece a passividade desses núcleos. Temos 'tomadas mentais' e a epífise dirige essas tomadas. E ela que favorece maior ou menor passividade. E através dessas tomadas que o Espírito comunicante faz suas pressões”.

Há vários tipos de contato, o espírito comunicante desliga algumas ligações do perispírito com o Espírito do médium e liga a ele. Dependendo do "departamento cerebral" atingido varia não só a forma que a mediunidade toma vidência, psicografia, psicofonia, de efeitos físicos etc. como a participação que tem o médium durante a manifestação.

Qualquer que seja a forma de mediunidade em jogo, o médium pode ser consciente, semiconsciente e inconsciente. E importante frisar nessa discussão a particularidade da noção da pessoa no Espiritismo que confere um sentido muito próprio às noções de consciência/inconsciência utilizadas pelos espíritas. (Ver capítulo II.)

No médium consciente, o "eu menor" do médium, a identidade desta encarnação não se apaga. O médium se lembra de tudo o que ocorre, é "como um intérprete que traduz o pensamento que lhe apresentam". Segundo os próprios espíritas, a mediunidade consciente traz o problema da interferência do Espírito do médium na comunicação. Os espíritas chamam as manifestações que têm como fonte o Espírito do próprio médium de animismo. O animismo não é um impecilho, mas um dado do desenvolvimento da mediunidade. Há critérios "de bom senso" utilizados para o discernimento, tais como a incapacidade do médium em formular ou escrever o pensamento sugerido, o fato de o pensamento surgir inesperadamente contrariando idéias anteriores. E, com o passar do tempo, o médium aprende a distinguir. O grau de "pureza" da "comunicação," isto é, o mínimo de interferência do Espírito do próprio médium, é um importante critério na hierarquização dos médiuns.

O médium semi-consciente pode lembrar-se ou não do que ocorreu. O médium inconsciente não se lembra de nada. O seu "eu menor" se apaga durante a manifestação. Contudo seu "eu maior" permanece presente, seu Espírito apenas se desloca, permanecendo próximo e dono de sua morada, disciplinando os possíveis excessos do Espírito comunicante. Considerada uma forma de mediunidade mais espontânea, nela é mais nítida a distinção entre o médium (o Espírito encarnado que dá passividade) e o Espírito que se manifesta.

Apresento a seguir duas modalidades de mediunidade: a psicografia e a psicofonia. A psicografia é uma forma de mediunidade que ocupa um lugar importante no Espiritismo. Através dela, a verdade dos Espíritos chegou até os homens na codificação. Como o relata Kardec (LE:32-33), foram os Espíritos que indicaram a forma adequada de serem consultados: “*Adaptando se um lápis a uma cesta, o*

*lápiz, posto sobre uma folha de papel, escrevia por si mesmo. Mais tarde reconheceu-se que a cesta nada mais era do que um apêndice da mão, e o médium, tomando diretamente o lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril (...).*

Geralmente, toda sessão de desenvolvimento mediúnico contém um momento destinado ao exercício da psicografia. Na penumbra, com as lâmpadas azuis acesas, os médiuns permanecem eretos com o lápis na mão pousada sobre o papel. Imóveis, com os olhos cerrados, prontos para escrever. O transe inicia-se às vezes com uma ligeira alteração no ritmo respiratório: uma inspiração mais profunda, ou respirações mais rápidas. A mão começa a movimentar-se. Escuta-se no silêncio o ruído do lápis deslizando no papel e o tic-tac do relógio de parede. A dirigente pode fazer uma prece. Os médiuns de sustentação circulam dando passes nos demais. Passados uns quinze minutos, a dirigente orienta-os para irem "se desligando": o transe termina. Os médiuns soltam o lápis e voltam à postura ereta, com ambas as mãos pousadas com as palmas para baixo sobre a mesa. Mais tarde, na última fase da sessão, com as luzes acesas, a experiência dos médiuns, as mensagens recebidas são lidas e discutidas.

Os médiuns psicógrafos são responsáveis por uma vasta produção literária sobre a qual repousa entre outras coisas a inovação doutrinária no Espiritismo brasileiro. Esse processo é encabeçado pelas obras de André Luiz, Espírito recebido pelo médium Chico Xavier. Em 1980, Chico Xavier tinha publicado 183 obras mediúnicas. Quatro estavam no prelo e quinze em fase final de preparação. Ele é natural de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, onde aos 17 anos começou a freqüentar um centro. Transferiu-se depois para Uberaba onde trabalha como médium.

A psicografia vem adicionar-se ao estudo, expressando também a valorização da palavra escrita nessa religião. Porém, ao contrário da produção dos intelectuais espíritas, produto de homens, as obras psicografadas são produtos espirituais.

Na incorporação ou psicofonia, o Espírito comunicante se expressa através da fala do médium. Uma das sessões que lida com esse tipo de mediunidade é a desobsessão. Nessa sessão, considerada "o ponto alto do grupo espírita", os espíritos que obsidiam os homens se manifestam e são "doutrinados" e idealmente conduzidos ao arrependimento.

Examiná-la-emos a partir de um trecho de meu caderno de campo que transcrevo a seguir:

*“Fez-se silêncio durante alguns minutos. Pensei que era o tempo dos amigos e guias espirituais trazerem até ali os Espíritos. Uma médium, Betânia, levantou-se e começou a dar passes em outra, Sílvia, que estava à sua direita. Em pouco tempo Sílvia começou a contorcer-se gemendo. Suas mãos foram tomando o aspecto de garras. O Espírito começou*

a rugir. Betânia, continuando os passes, evocava: "Forças Benditas da Paz, correntes amigas do Bem!" Dizia ao Espírito: "meu filho, acalme esse ódio, abrande-o, ele o envenena." Sílvia continuava a rugir. Aos poucos acalmou-se. Com um tremor a médium saiu do transe. Pôs as mãos no rosto "gritando" baixinho: "D. Betânia, que horror, eu parecia um bicho!" Betânia disse-lhe que se acalmasse, que Esquecesse, que pensasse no seu mentor e pedisse a sua aproximação. Betânia começou a dar um passe em outro médium, Bruno, que recebeu um Espírito com muita falta de ar e com a garganta seca. Betânia dirigiu-se então a outra médium, Luíza, dando-lhe passes. Luíza permaneceu quieta, fez-se um longo silêncio. O silêncio prolongava-se. Luíza balançava suavemente a cabeça, quando Bruno novamente incorporou. Betânia dirigiu-se a ele. Quase ao mesmo tempo Luíza incorporou. Maria, outra médium, dirigiu-se até ela. Concentrei minha atenção em Luíza. O Espírito que recebera afastara - um pouco a cadeira da mesa, como se quisesse levantar-se. Pusera os dois braços apoiados nas pernas abertas, numa atitude de briga, e dizia com a voz forte e irritada: "Eu não sei o que é que eu vim fazer aqui. Eu não pedi para vir aqui. Eu não estou a fim de ficar aqui. Eu já estou ficando nervoso e vocês não sabem do que eu sou capaz quando eu fico nervoso". Nesse meio tempo incorporaram outros dois Espíritos que também lá estavam a contragosto. Em alguns momentos o Espírito de Luíza falava com o de Sílvia: "Vamos embora, é melhor nós irmos embora mesmo". E dizia para Maria, que tentava doutriná-lo: "Quer parar com essa conversa! Aqui com vocês é sempre essa conversa. Essa conversa velha. Eu não estou a fim de conversa". Maria tentava em vão imprimir outro rumo ao diálogo dizendo que se ele ali estava era para ser ajudado etc. Espírito: "Chega de conversa. Ih! Isso agora virou confissão. Cadê o padre?" Maria: "Nós aqui não temos padres, mas somos seus amigos". Espírito: "E quem está querendo amigos. Olhe, eu já estou ficando nervoso. Eu quero ir embora. "Deixem-me ir embora". Sílvia saiu do transe e Bruno também. Os Espíritos que receberam haviam aceitado orar e tinham ido embora. Ainda atrás de Bruno, Betânia dizia em voz alta: "Pensamento firme em Jesus, amigos! Pensamento em Jesus". E entoou uma oração. Maria começou a orar junto com ela com a voz igualmente alta. Betânia dirigiu-se para Luíza. Interpôs-se entre ela e Maria e começou a falar em voz alta: "Vós saibais que se aqui estais é porque estais em um momento decisivo, momento pelo qual todos já passamos. chegada a hora em que é preciso olhar para trás, olhar para frente e escolher. Esse é um momento decisivo em que todos vós tendes a oportunidade de escolher". E assim continuou durante algum tempo. O Espírito pouco a pouco foi sucumbindo diante de sua firmeza, de sua autoridade, parando de repetir que não queria conversa. Betânia perguntava-lhe, dirigindo-se a ele agora na terceira pessoa, porque ele não se permitia um choro: "Deixe o remorso rolar em suas lágrimas". O Espírito dizia: "Não, eu não quero, não faça isso comigo. "Olhe o que você está fazendo comigo". Betânia: "Chore, meu filho. Deixe que sua alma se lave com o pranto". Espírito: "Não faça isso comigo. Eu não quero". E o Espírito irrompeu num pranto convulsivo. Betânia continuou a falar-lhe. Fez com que o Espírito repetisse com ela uma prece. Ele repetia num fio de voz entre lágrimas. Quando terminou, Betânia disse-lhe que olhasse o passado. Espírito: "Eu não posso, eu não posso, com que cara eu vou olhar para eles. Os meus amigos, esses não vão mais querer me olhar. E os outros, ah! os outros, esses eu não vou poder olhar!" Betânia: "Meu filho, os outros são amigos, eles sabem perdoar". Espírito: "Deixe-me falar. Eu não posso olhá-los. Eu não tenho onde ir. Como vou olhar-los". "Acho que vou ficar aqui no meu canto". Betânia: "Grande idéia você

*teve, meu filho. Fica aqui. Enquanto aqui estiver em nossa casa, pode estar certo de que estará tranqüilo, de que oraremos por ti. Enquanto isso, meu filho, repouse. Os amigos espirituais vão fazê-lo adormecer", Luíza sacudiu-se e saiu do transe. Assoou o nariz com um lenço, passou a mão pelo rosto, e permaneceu com a cabeça ligeiramente abaixada, pousada sobre as mãos. Betânia disse que era hora de orar para encerrar o trabalho. Fez uma prece agradecendo a Jesus e aos Espíritos superiores o auxílio. Todos os médiuns tomaram passes individuais. Distribuiu-se água fluidificada. Acenderam-se as luzes. Betânia, olhou-me atentamente e perguntou-me se eu estava me sentindo bem. Disse-lhe que sim. Luíza comentou, ainda um pouco abatida que sentira muita emoção. Roberto tivera um desdobramento, vira paisagens do Mundo Invisível. Betânia contou um sonho que tivera naquela noite com um orfanato. Iniciou-se uma conversa sobre os trabalhos do centro. Estava terminada a sessão. Pouco a pouco todos foram se retirando, com a recomendação de que, ao sair dali, nada deviam comentar sobre a sessão: "a palavra estabelece uma ligação mental entre quem fala e o objeto do comentário. Pode revi ver a chaga mental do desencarnado. A obra de Desobsessão é de libertação das trevas. Não haverá libertação sem o esquecimento do mal".*

Não há, ao menos explicitamente, identificação dos Espíritos que se manifestam. Embora como me disse Luíza: "Algumas vezes as características do Espírito são as mesmas da pessoa que atendemos no Atendimento Fraternal. Mas não comentamos nada".

A doutrinação do obsessor, que pode regenerar-se a partir dela, beneficia indiretamente o obsidiado.

Vimos no capítulo II como a obsessão, fenômeno derivado da comunicação sutil e permanente que há entre os Espíritos e os homens, se constitui numa séria ameaça à condição humana. O homem obsidiado, possuído pelo obsessor, não é mais responsável por seus atos e pensamentos. O Espírito obsessor desencarnado obtém por sua vez um corpo indevidamente. Tanto para o obsessor como para o obsidiado a possibilidade de evolução inexiste. A cada ritual de desobsessão essa ameaça é afastada.

Como o nome o indica, a desobsessão inverte o processo da obsessão. Na obsessão, um Espírito encarnado e um Espírito inferior estabelece um contato que termina na posse deste sobre aquele. Na desobsessão, um Espírito encarnado (médium) e um Espírito inferior relacionam-se também, porém essa relação que culmina no transe de incorporação não é uma possessão.

O transe da desobsessão, como a sessão acima transcrita o mostra, traz à cena quatro tipos: o Espírito superior, o médium de incorporação, o médium doutrinador e o Espírito inferior manifestante.

A doutrinação é um diálogo com o Espírito inferior incorporado no médium. O doutrinador

procura transmitir ao Espírito os princípios da doutrina. Ao mesmo tempo ele é um canal de comunicação com os Espíritos superiores, sustentando o médium de incorporação com preces e passes. Pela sua fala e autoridade moral ele deve conduzir o Espírito ao arrependimento.

O médium de incorporação representa simbolicamente o obsidiado. Sua individualidade parece momentaneamente apagar-se. Mas, como já vimos, Se o médium for consciente, seu eu menor permanece presente e, mesmo passivo, controla o Espírito comunicante. Se ele for inconsciente, apenas eu menor se apaga, seu eu maior se liberta.

Em ambos os casos o Espírito do médium não ausenta, controlando seu próprio corpo e indiretamente o Espírito manifestante.

O transe deve resultar, não no domínio do sobre o homem (obsessão), mas na vitória deste último sobre aquele. Os gestos e a atitude do médium de incorporação durante o transe ameaçando levantar-se, mas sem fazê-lo, movimentos bruscos para logo a seguir e levando a voz e abaixando-a - expressam concretamente o conflito entre a vontade do médium e a do Espírito comunicante. Não importa qual seja a vontade do Espírito obsessivo, o médium deve à mesa, controlando seu corpo. No Espiritismo, o corpo (a matéria) existe para ser transcendido pelo Espírito. Por sua vez, a incorporação/doutrinação do obsessivo encena um momento crucial de sua trajetória - o momento de seu arrependimento:

*“No plano espiritual, o Espírito está muito mais não recebe tanta solicitação exterior, à frente com sua realidade (...) Se a desobsessão for bem sucedida, aquele momento representará - , quem sabe?, o início, o marco de um período de regeneração dentro da aceitação das Leis Divinas (...) O Espírito sofre violentamente a dor do remorso, da consciência ferida” (Apostila de Mediunidade, Lar de Tereza)”*

O arrependimento do Espírito inferior, na explosão de culpa e remorso encenada pelo médium, significa o seu retorno à lei da evolução, da reencarnação, do carma. Sua recuperação pode iniciar-se através das provações de sucessivas encarnações.

O ritual da desobsessão restaura repetidamente a ordem do universo como o Espiritismo a concebe.

## CONCLUSÕES

Comecei este livro falando de representações e do ponto de vista escolhido para entender o Espiritismo. Retorno agora a estas questões.

Os homens são nessa religião Espíritos encarnados em permanente contato com outros Espíritos desencarnados. Esse fato insere o Espiritismo no rol das religiões mediúnicas, uma classificação das religiões que focaliza a relação do corpo humano com uma força espiritual. As noções de transe, possessão e mediunidade designam essa relação. Não há no campo da Antropologia e da Sociologia uma definição consensual dessas noções. No contexto deste livro, o termo mediunidade foi usado como uma categoria espírita, acompanhando a significação que os espíritas lhe atribuem.

O termo possessão foi evitado por sugerir a idéia de domínio do Espírito sobre o homem, fato que no Espiritismo ocorre apenas fora do ritual no fenômeno da obsessão. Utilizei preferencialmente o termo transe designando um momento ritual claramente demarcado e equivalendo ao termo espírita manifestação mediúnica. A preocupação básica foi a de perceber como os espíritas concebem e vivenciam os fenômenos em questão.

Em termos gerais, contudo, nesses fenômenos o corpo humano é o veículo de expressão da relação entre homem e divindade/Espírito. Um corpo que não é mais, ou não é apenas, ele mesmo provoca naquele que observa e/ou reflete sobre o fato perguntas intrigantes. Se quem está ali é o deus (ou o Espírito), onde está o ser que ali estava minutos antes? Onde começa a divindade e onde termina o adepto? Como é possível uma pessoa não ser mais ela mesma?

No Brasil, esses fenômenos despertaram a atenção da elite intelectual em fins do século XIX, através da vitalidade das religiões comumente designadas como afro-brasileiras. As primeiras interpretações propostas associavam-nos à histeria, ao uso de álcool e entorpecentes às mais diversas formas de perturbação mental. (Nina Rodrigues, 1900.)

A crítica a essa visão ganha força com os trabalhos de Roger Bastide (Bastide, 1971). Seguindo as lições de Durkheim e o caminho aberto pelas investigações de Herkovits sobre o negro brasileiro, a possessão passa a ser vista como um fato social.

O que mudou de uma visão para a outra?

Entender a possessão e o transe como fatos sociais é afirmar a sua "normalidade". A normalidade não é, entretanto, um dado natural. Os critérios que definem o que é normal e anormal não são universais. São históricos e culturais. Um fato perfeitamente normal e aceitável ao interior de



determinada sociedade - como, por exemplo, a poliandria entre os índios Guayaki, a atribuição da morte à bruxaria entre os Azande da África Central, ou à devoção à Nossa Senhora e aos Santos em nossa sociedade -pode não sê-lo em outra. Para um crente do que quer que seja, nada mais natural do que a sua crença: ela é os seus cinco sentidos, as lentes através das quais percebe o mundo. Se nos apegamos a uma determinada lente, o mundo tal como percebido por quem usa outras lentes pode nos parecer estranho e mesmo incompreensível. É de fato, simbolicamente, um outro mundo.

Num sentido elementar, fazer Antropologia é dispor-se a trocar de lentes, a não encarar o que é diferente e desconhecido como desprovido de sentido. É dispor-se a descobrir o sentido do outro, o seu ponto de vista. O resultado do empreendimento não é a adesão ao outro, nem sua conversão, mas a compreensão, o reconhecimento e o respeito da diferença. Nesse contexto duas questões que não nos cabe aqui tratar emergem como pertinentes: a das relações entre conhecimento e poder, das injunções e usos institucionais e políticos dos saberes, e a de até que ponto a diferença é individual ou coletivamente suportável.

Voltando ao nosso assunto, o transe e a possessão são – assim como os atos rotineiros de dormir na rede ou na cama, ou não tão rotineiros de casar-se na igreja de véu e grinalda ou tirar a carteira de identidade – formas de comportamento regidas por padrões culturais, e nesse sentido acessíveis a todos os membros de uma dada sociedade ou grupo social.

Sem negar os aspectos biológicos, psicológicos ou ainda estritamente sociológicos envolvidos em fenômenos de natureza complexa como o transe, procurei demonstrar, no que tange o Espiritismo, como a sua compreensão requer o da representação da pessoa nessa religião. Enfatizei, através de sua inserção na cosmologia e prática ritual espírita, o seu sentido simbólico.

Percorrendo sua trajetória evolutiva, o homem é, segundo o Espiritismo, um ser essencialmente incompleto. Como Espírito encarnado, os atributos do livre-arbítrio e da vontade, tão importantes para o contorno de sua individualidade, estão ainda em construção. Só serão plenos no ápice da evolução, quando o Espírito está finalmente liberto da lei da reencarnação.

Na vida terrena cada homem dispõe, portanto, de apenas uma parcela de livre-arbítrio e é com ela que se vê às voltas com os Espíritos desencarnados de toda ordem, que com ele se relacionam. Desse contato derivam os sentimentos que experimenta, as idéias que lhe ocorrem, as atitudes que toma. Se os Espíritos com que se comunica são superiores, seu livre-arbítrio está a salvo e fortalecido. Se são inferiores seu livre-arbítrio corre sérios riscos de aniquilamento.

Ao articular o mundo humano e extra-humano, a mediunidade problematiza essa incompletude humana. Os diversos rituais espíritas, através do estudo, da caridade e do transe, conferem ao homem, enquanto agente social, os mecanismos para refletir sobre, e construir, na relação com os Espíritos, a sua identidade.

## INDICAÇÕES PARA LEITURA

A bibliografia sociológica e antropológica publicada em português sobre Espiritismo é pequena. Entre os primeiros livros a abordarem especificamente essa religião estão os de C. P. Camargo *Kardecismo e Umbanda* (1961, Pioneira, SP) e *Católicos, Protestantes e Espíritas* (1973, Vozes, Petrópolis). Sobre psicografia há o artigo de L. E. Soares, "O autor e seu duplo", em *Religião e Sociedade* nº 4 (1979, Civilização).

Para uma abordagem mais detalhada, ver Viveiros de Castro Cavalcanti *O Mundo Invisível: Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo* (1983, Zahar, RJ).

Sobre Umbanda, religião com marcante influência espírita, vale a pena ler *O que é Umbanda*, de P. Birman, nessa mesma coleção, e *Guerra de Orixás: Um estudo de ritual e conflito*, de Y. Velho (1975, Zahar, RJ).

Para uma noção geral da religião como objeto de estudo antropológico e sociológico: *A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de M. Weber (1967, Pioneira, SP); *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, de É. Durkheim (1968, Schapire, Buenos Aires); *Antropologia Social da Religião* (1980, Campus, RJ) e *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande* (1978, Zahar, RJ), ambos de E. Evans-Pritchard.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

BASTIDE, Roger. 1971. *As Religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Ed Pioneira.

BIRMAN, Patrícia. 1983. *O que é Umbanda*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

CONAN DOYLE . s.d. - *A História do Espiritismo*. Ed. Pensamento.

KARDEC, Allan\* . 1970. *O Livro dos Espíritos* e 1978. *O Livro dos Médiuns*. Núcleo Espírita Caminheiros do Bem.

1975. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. FEB.

1978. *O Céu e o Inferno*. FEB.

1979. *A Gênese, os Milagres, as Predições*. FEB.

LEACH, E. 1972. "Ritual" in *International Encyclopedia of Social Sciences*. V. 13/14. Macmillan & Free Press, New York; Collier-Macmillan, Londres.

NINA RODRIGUES. 1900. *L 'Animisme Fetichiste des Negres de Bahia*. Reis e Comp. Salvador.

XAVIER, Francisco Cândido. 1948. *Caminho, Verdade e Vida*. Por Emmanuel. FEB.

1956 - *Fonte Viva*, Por Emmanuel. FEB.

VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura. 1983. *O Mundo Invisível: Cosmologia, Sistema Ritual e Noção da Pessoa no Espiritismo*. Zahar

VELHO, Yvonne 1975 - *Guerra de Orixás: Um Estudo de Ritual e Conflito*. Zahar.

\* Os nomes assinalados pelo asterisco são os dos médiuns psicografados. Segundo os espíritas os verdadeiros autores são os espíritos.

## BIOGRAFIA



Sou carioca, nascida em 1954. Formei-me em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e tirei mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Colaborei com o jornal *Opinião*, trabalhei no então setor de História da Fundação Casa de **Rui** Barbosa, lecionei Antropologia na Faculdade da Cidade. Trabalho atualmente como antropóloga no Instituto Nacional do Folclore da FUNARTE, Publiquei alguns artigos e o livro *O Mundo Invisível: Cosmologia, Sistema Ritual e Noção da Pessoa no Espiritismo* (Ed. Zahar). Sou bolsista do CNPq e uma das organizadoras da Coleção "Perspectivas Antropológicas da Mulher" (Ed. Zahar).